

Isso é um absurdo! Sobre o humor feminista nas redes sociais^[*]

That's just absurd! On feminist humor in social media

Jenny Sundén^[**]
jenny.sunden@sh.se

Susanna Paasonen^[***]
suspaa@utu.fi

RESUMO

Nas redes sociais, o humor feminista geralmente chama a atenção pela dinâmica com que aborda o gênero binário, do qual zomba, subverte e comenta. Com foco no Tumblr “Congrats, you have an all male panel”, no perfil “Man Who Has It All” no Twitter e do Facebook e no perfil do Twitter “Men Write Women”, este artigo observa como esses projetos reexecutam o poder assimétrico de gênero binário por meio da repetição e subversão, extraindo seu apelo da própria lógica que eles mesmos criticam para ter um efeito disruptivo. Além disso, o texto questiona como as diferentes dinâmicas de plataforma de mídias sociais ajudam a agrupar certa sociabilidade e como a crítica do riso em rede aborda a importância da diversidade afetiva ao fazer piada de coisas absurdas. Nosso argumento é de que, ao recusar e evitar a lógica que a maioria oferece, e ao focar em situações absurdas, ridículas e inadequadas, este tipo de humor gera zonas produtivas de ambiguidade e risos incontroláveis onde tensões e diferenças se recusam a ser resolvidas.

Palavras-chave: Absurdo. Humor feminista. Redes sociais.

ABSTRACT

Feminist humor in social media regularly draws its appeal from the dynamics of binary gender that it pokes fun at, reverses, and comments on. By focusing on the tumblr “Congrats, you have an all male panel,” the Twitter and Facebook accounts of “Man Who Has It All” and the Twitter account “Men Write Women,” this article asks how these projects re-perform the power asymmetry of binary gender through repetition and reversal, drawing their appeal from the very logic that they critique for disruptive effect. It further asks how the different platform dynamics of social media help to assemble networked laughter sociability and critique, and addresses the importance of affective lifts and the affective diversity opened up when laughing at the absurdity of things. We argue that, in refusing and eschewing the logic most offer, and by turning things preposterous, ludicrous, and inappropriate, absurd humor generates productive zones of ambiguity and unruly laughter where tensions and differences refuse to be resolved.

Keywords: Absurd. Feminist humor. Social media.

^[*] O presente artigo é um desdobramento da palestra That's absurd! Humor and feminist tactics in social media de Susannah Paasonen apresentada no Aoir Flashpoint Symposium 2020. Digital Transformations: Polarization, media manipulation and resistance. - virtual edition realizado de forma online pela Unisinos através do Projeto CAPES/Print Transformações Digitais e Humanidades. Tradução de Caroline Govari.

^[**] Södertörn University. Alfred Nobels allé 7, 141 89 Huddinge, Suécia.

^[***] University of Turku. 20500 Turku, Finlândia.

Possivelmente, o humor não é a primeira estratégia a ser associada ao feminismo, seja ele on-line ou off-line. Pelo contrário: é a figura persistente da “desmancha-prazeres feminista” – aquela que perturba a felicidade de outras pessoas e se recusa a rir quando se espera que o faça, que assombra os imaginários culturais internacionalmente (Ahmed, 2010). Pesquisas acadêmicas sobre resistência e ativismo feminista on-line geralmente concentram-se nas dinâmicas afetivas de raiva, fúria e frustração, comumente conectadas ao movimento #MeToo (Boyle, 2019; Chamberlain, 2017; Gill e Orgad, 2019, Guha, Gajjala e Stabile, 2019; Koivunen, Kyrölä e Ryberg, 2018; Mendes, Ringrose e Keller, 2019). E, claro, não há muito para rir sobre o ódio, o sexismo e a misoginia que ocorrem on-line – ou mesmo nas vertentes sexistas, racistas e homofóbicas do humor devido à chamada homem-esfera e focada em intimidar em plataformas on-line (Penny, 2013; Jane, 2016; Marwick and Caplan, 2018; Massanari, 2015; Phillips, 2015; Kanai, 2016).

Ao mesmo tempo, o humor desempenha um papel fundamental em como e onde a atenção se concentra nas redes sociais que fornecem plataformas para a mobilização política. Focando-se em piadas feministas do tipo absurdo, este artigo pergunta como essa estratégia funciona como uma forma de questionamento, o que acrescenta à nossa compreensão da política mundana que está tomando forma on-line, e como as diferentes lógicas e dinâmicas dos serviços de mídias sociais ajudam a agregar a sociabilidade e a crítica em rede. Em particular, analisamos iniciativas feministas que se tornaram populares, exemplificando o que Sarah Banet-Weiser (2018, p. 10), em sua discussão sobre o feminismo popular, define como imperativo da visibilidade dentro da economia de atenção on-line. Dessa forma, nosso foco não é voltado à organização política feminista, mas pensamos nas iniciativas de mídias sociais que produzem zonas acessíveis para o “riso em rede” (Rentschler e Thrift, 2015), reabastecendo formas contemporâneas de comentário, crítica e agência feministas (Sundén e Paasonen, 2020).

Na economia da atenção on-line, a visibilidade – a capacidade de atrair interesse e participação – é envolvente e fomenta as estruturas de privilégio social. Assim como pontua Banet-Weiser (2018, p. 13), as vozes feministas que mais chamam a atenção são as de mulheres “brancas, de classe média, cisgênero e heterossexuais”, e uma dinâmica semelhante permanece presente nas iniciativas exploradas neste artigo. O material humorístico com que esses projetos fazem piada gira em torno da diferença de gênero e do binarismo de gênero, dando menos atenção às hierarquias

de poder ligadas à etnia, orientação sexual, idade ou classe social. De fato, esses projetos são pensados para fazerem piadas com o gênero binário e giram em torno do registro do absurdo em si; assim, prestar atenção a estes projetos sociais feministas é analisar as condições pelas quais eles viralizam. Dessa forma, do Tumblr “Congrats, you have an all male panel!” aos perfis no Twitter e no Facebook “Man Who Has it All”, e passando pela conta do Twitter “Men Write Women”, este artigo questiona o papel do gênero binário nas táticas feministas em mídias sociais e apresenta um argumento para o valor do absurdo.

“O papa e seu painel exclusivamente masculino!”

Frustrada com os recorrentes painéis exclusivamente masculinos em sua área de relações internacionais, a pesquisadora de pós-doutorado Saara Särnä organizou, em 2015, o Tumblr “*Congrats, you have an all male panel!*”, que consiste em fotos de painéis formados exclusivamente por homens (também conhecidos como *manels*), com um pequeno ícone de David Hasselhoff, da série *Knight Rider (A Super Máquina)*, da década de 1980, fazendo um gesto com o polegar em tom de aprovação. Sua lógica binária de gênero torna evidente a virilidade do “fluxo masculino”, mostrando como a expertise e a liderança seguem articuladas e incorporadas, deixando claro que os não-homens são excluídos de seu reino. O Tumblr logo recebeu atenção da mídia internacional – do *The Guardian* à revista *Time*, que fez o projeto viralizar e tornou a palavra “*manel*” bastante familiar, especialmente nos círculos acadêmicos.

“*Congrats, you have an all male panel!*” reúne infinitas imagens de reuniões de especialistas do mundo inteiro, de diferentes estratos profissionais e disciplinares. Os painéis são invariavelmente masculinos, com foco em educação, políticas eleitorais, transformação digital, sustentabilidade do campus, igualdade de gênero, aborto, direitos reprodutivos, entre outros assuntos. O Tumblr se baseia na ironia, dizendo o oposto do que se destina, visando um efeito crítico. As legendas costumam ser sarcásticas, como, por exemplo: “Homens falam sobre Descartes”, “Tradução: unindo esforços para amamentar”, “Workshop com o objetivo de inspirar mulheres a seguirem carreiras em tecnologia tem um painel exclusivamente masculino” e “O papa e seu painel exclusivamente masculino!”. O gesto de congratulação com o polegar para cima usa a ironia para tornar visíveis as práticas de exclusão com aquilo que não faz parte do quadro: designadamente as mulheres.

No Tumblr, a repetição visual e a ironia criam uma reverberação feminista focada no absurdo que é semelhante ao que Alexander Cho (2015), no contexto do Tumblr *queer*, identifica como “repetir e repetir”. Cho (2015) entende o Tumblr como uma pulsação, um ritmo e uma temporalidade afetiva que envolve variações de intensidade. Além de postagens específicas que se tornam mais ou menos visíveis (e os engajamentos com elas mais ou menos intensos ao longo do tempo), a temporalidade dos Tumblrs está ligada a seus arquivos temáticos. A lógica do Tumblr reúne elementos individuais e separados em galerias temáticas que se tornam arquivos. Como a própria Särmä (2016, p. 473) observa, “quando você percorre o site de uma conferência que lista painéis exclusivamente formados por homens, e continua descendo a barra de rolagem no *site* e eles parecem nunca terminar. É muito difícil argumentar que o problema não existe”.

Infelizmente, o que à primeira vista parece completamente normal, rapidamente se torna bastante estranho – na medida em que perceptível – devido ao grande volume de imagens e sua sobreposição repetitiva e irônica “Hoffsome” (referente a David Hasselhoff). Por meio da ironia, o Tumblr confere uma certa perturbação devido à essa mesmice. Com uma espécie de eco, a ironia nessas galerias de imagens comporta uma repetição, que por sua vez gera um debate para o problema em questão. Quanto mais você rola a barra, mais os participantes do painel começam a parecer incompatíveis, deslocados, por vezes jocosos e completamente sem sentido algum. “*Congrats, you have an all male panel!*” torna visível a estrutura do que pode ser considerado anedótico, isto é: apenas um encontro de pensadores que importam – e, ao nomear o fenômeno, acrescenta constrangimento à participação nos *manels* (painéis exclusivamente masculinos) formados. O Tumblr observa, testemunha e torna a situação visível para ser pensada no futuro. Nesse sentido, o constrangimento social que o rótulo de “*manelist*” acarreta, vem com uma reverberação persistente própria: um *manel* de alguns anos atrás pode nunca desaparecer, resistindo à remoção como uma mancha particularmente difícil, e infeliz como um refrão que nunca sai da sua cabeça.

“*Congrats, you have an all male panel!*” aborda o sexismo e a dominação masculina apostando naquilo que fornece ao sexismo sua toxicidade: a hierarquia de oposição de gênero binário. Ele provê consideráveis evidências visuais de como o conhecimento de um especialista supostamente neutro, conforme exibido em todos os painéis masculinos, é uma construção particularmente incorporada por homens majoritariamente brancos, saudá-

veis e cisgêneros, de maneiras que tornam invisível uma multiplicidade de outros corpos. Todavia, esses outros corpos têm algo em comum: eles não fazem parte do quadro. Por exemplo, quando trabalhada pelas engrenagens do gênero binário, essa complexidade em termos de raça e habilidade, e também o gênero em si, precisa dar lugar a uma lógica muito mais simples: um gênero binário que assume e apaga mais do que mostra. É exatamente a própria simplicidade do gênero binário que lhe confere um ar convincente, uma espécie de sedução que, paradoxalmente, vem alimentar muitas intervenções feministas humorísticas. O reducionismo dos gêneros binários é revoltante, mas é precisamente essa simplicidade reducionista que parece ter gerado inúmeras iniciativas feministas nas mídias sociais que foram muito bem-sucedidas.

Obviamente, há várias maneiras de fazer piada com gênero binário. A estratégia usada em “*Congrats, you have an all male panel!*” é mais no sentido de adicionar do que de ser radicalmente transformadora, pois solicita uma correção: inclua mulheres (ou pelo menos uma mulher!). Essa demanda pode ser bastante eficiente devido à sua aparente modéstia: tudo que você precisa fazer é incluir uma mulher. Quão difícil pode ser isso? Como aponta Särmä (2016), o sucesso do Tumblr funcionou como um gerador de conversa enquanto, ao mesmo tempo, marcava o início de um debate muito mais amplo que necessita abordar questões de poder e privilégio, além de investigar quais vozes estão sendo ouvidas publicamente; e que vozes são consideradas importantes e que permanecem inaudíveis.

De acordo com a obra de Luce Irigaray (1993), o binário que é não-binário ressoa onde a linguagem do gênero, como relação binária, assume dois termos: masculino e feminino; masculino e feminino. Explicamos: para Irigaray (1993), um desses polos – o feminino – é virtualmente irrepresentável dentro da ordem masculina hegemônica. Irigaray (1993, p. 26) realiza uma operação matemática familiar ao considerar a relação entre homem e mulher baseada no contraste entre o *especial*, “o da forma, do indivíduo, do órgão sexual (masculino), do nome próprio, do significado próprio”, e o *não*: “o negativo, o lado de baixo, o inverso”. Tal binário, portanto, não é binário, pois o domínio do *especial* sobre o *não* é poderoso a ponto de apagá-lo. “O ‘feminino’ é sempre descrito em termos de deficiência ou atrofia, e do outro lado o sexo que detém o monopólio do valor: o masculino. Daí, a conhecida ‘inveja do pênis’” (Irigaray, 1993, p. 69).

“*Congrats, you have an all male panel!*” tem tudo a ver com a presença do *especial*, do pênis, do sentido próprio, e a ausência paradoxal do *não* (o que não é espe-

cial, o “outro”). Mas como pode aquilo que nem mesmo faz parte da imagem formar uma ausência tão real? O Tumblr, aliás, tem tudo a ver com o monopólio do sexo masculino em assuntos importantes e, ao mesmo tempo, ilustra como a ausência de mulheres em vários campos do conhecimento acontece. Por conseguinte, Irigaray (1993) afirma que dar um sentido negativo ao Tumblr pode parecer uma tarefa virtualmente impossível, mas ele consegue isso com a ajuda de suas justaposições irônicas e repetições persistentes. A ausência e o silêncio das mulheres tornam-se cada vez mais ruidosos e absurdos justamente por alguns desses painéis apresentarem temas que vão da igualdade de gênero à política reprodutiva, entre outros exemplos. Quando um painel totalmente masculino assume os direitos das mulheres sobre seus próprios corpos, a ausência de não-homens na sala torna-se uma espécie de presença que clama por diversidade para o painel. Na medida em que o Tumblr é visto fazendo piada com a concepção de inveja do pênis, ele o faz com um efeito contrário que joga a questão do significado “adequado” do órgão masculino de volta para os próprios donos do pênis, referindo-se repetidamente aos *manels* como “festivais de salsicha”.

“PENIS STEAMING”

Uma maneira diferente de zombar do gênero binário é inserida nos perfis de Twitter e Facebook do “*Man Who Has It All*”, composta por um “pai trabalhador” fictício e anônimo que faz malabarismos com paternidade, trabalha fora de casa, busca tempo para si, precisa manter uma boa aparência para a esposa, faz uso de fórmulas e de conselhos genéricos de revistas femininas e de literatura de autoajuda. A página “*Man Who Has It All*” expõe os absurdos da dominação masculina e do sexismo ao imaginar um mundo de inversão de gênero onde os homens são “o segundo sexo”, ou seja: constantemente avaliados e apreciados de acordo com sua aparência, definidos por sua capacidade inata de nutrir e de se comunicar, tanto quanto por suas deficiências em realizações profissionais que exigem pensamento racional, habilidades de liderança ou contenção emocional. De acordo com a própria página no Facebook, “*Man Who Has It All*” destaca “o sexismo, os estereótipos e os preconceitos que as mulheres vivenciam diariamente ao imaginar um mundo onde os homens são tratados da mesma forma que a sociedade trata as mulheres”.

Em função disso, essa é uma paródia feminista que às vezes se move para o terreno satírico mais agudo da zombaria e do sarcasmo. “*Man Who Has It All*” muda o interruptor do gênero binário como uma forma de rei-

maginar tudo: discriminação e assédio sexual no local de trabalho, conselhos normativos sobre beleza, permanecer sexy e manter um casamento saudável (mesmo sendo pai) etc. Ele vira o jogo no heterossexismo cotidiano em não mais do que 280 caracteres de um tweet, ou em memes no Facebook, e consegue expor suas dimensões absurdas e extremamente ridículas. “*Man Who Has It All*” usa termos como “presidentes do sexo masculino” e “médicos cavalheiros” como um meio de se opor ao gênero das mulheres profissionais, e brinca com a ideia de contratar homens como colírio para os olhos no local de trabalho e os chama de abertamente sensíveis, hormonais ou “testotéricos” (isto é, homem histórico) se reclamarem de discriminação e exclusão com base no gênero.

Os tweets de “*Man Who Has It All*” alternam entre fornecer conselhos sábios de “Claire, CEO” (por exemplo: “alguns homens reclamam quando você os chama de ‘meninos’, enquanto outros veem isso como um elogio, tornando impossível saber se o elogio os infantiliza ou não. Você simplesmente não consegue vencer”); declarações sobre a inclusão de títulos profissionais (por exemplo: “‘Homem cientista’ NÃO é um termo ofensivo. É simplesmente uma forma de diferenciá-los de cientistas adequados. Fim da história”); e dicas vitais de rotina de beleza, como a prática de rejuvenescimento de “*PENIS STEAMING*” (por exemplo: “Para conseguir um pênis limpo e equilibrado, agache-se sobre água fervente contendo ervas como cominho e pimenta caiena”). Em alguns casos, o ponto de crítica diz respeito a atitudes sexistas que são marcadamente de determinadas épocas – como em debates sobre os direitos das mulheres e habilidades para serem contratadas como mão de obra qualificada –, e alguns mais específicos para o presente, como na inversão de gênero com dicas sobre “*vaginal steaming*”, oferecido no *Goop*, site de estilo de vida de Gwyneth Paltrow, em 2016, que resultou em muita contestação e animação nas redes sociais.

A estratégia fundamental de “*Man Who Has It All*” envolve a leitura do gênero binário ao contrário – derrubando e trocando seus dois polos, por assim dizer. É tão simples quanto eficiente, como no tweet “HOMENS! Vocês podem ser o que vocês quiserem. Não deixem seus hormônios loucos, seus humores irracionais ou intelectos inferiores impedi-los disso”. As contas do Twitter e do Facebook, bem como um livro de autoajuda em um formato mais extenso, impresso em 2016, investigam o disparate das normas de gênero e dos padrões duplos e, ao fazê-lo, comentam os padrões e onipresença do sexismo. “*Man Who Has It All*” intervém nos arranjos binários de gênero por meio de uma inversão de posições. Ao fazer isso, ele repete

a assimetria de poder do binário em questão, extraindo seu apelo da própria lógica que critica, ao mesmo tempo em que abre espaço para gargalhadas disruptivas.

Assim sendo, quando o sexismo é projetado de maneira reversa por meio da hierarquia de oposição de gênero binário, a consequência talvez mais óbvia é que as noções de masculino e feminino, bem como as de masculinidade e feminilidade, parecem mudar de lugar. A questão é o que acontece, durante essa reversão, com as relações de poder e com os diferentes posicionamentos dos sujeitos masculinos e femininos, já que o binário é aquele de oposição hierárquica que mantém os corpos no lugar com considerável força. Em outras palavras, como uma tática humorística, essa brincadeira com o gênero binário por meio da reversão pode, em última análise, falhar em desafiar as relações de poder heterossexistas sobre as quais tece comentários.

Ao compartilhar tweets cobrindo as aparições na televisão de políticos britânicos do sexo masculino com comentários como “O Senhor Blair, de 65 anos, mostra seus delicados tornozelos em calças perigosamente curtas, com jaqueta combinando, e prova que homens mais velhos ainda podem ser relevantes”, “*Man Who Has It All*” convida seus seguidores a elaborar reflexões sobre sexismo reverso em comentários como “Não. É irrelevante após os 30 anos”, “Ele não deveria estar em casa com seus netos?”, “Caramba! Largue essas bainhas! Que desespero!”, “Esse corte de cabelo também é novo? Parece que ele está tentando deixar a franja crescer” e “Ah, por favor! Este é um homem que fez um grande esforço para se envolver na política, o que considero admirável. Então entre isso e cuidar dos filhos, como você vai culpá-lo por não ter tido tempo para focar em ter um estilo? Ele está fadado a cometer um erro de vez em quando”.

Concentrar-se nas postagens feitas a partir dos perfis de “*Man Who Has It All*” por si só já permitiria uma compreensão parcial do apelo do projeto, que, em grande parte, se deve à participação do usuário como uma espécie de teatro social. Isso ecoa nas seções de comentários enquanto, coletivamente, as pessoas investigam o universo alternativo que imaginam e se aprofundam em suas dimensões de paródia, o que aumenta o sarcasmo. O Tumblr, assim, extrai sua força através de brincadeiras participativas por meio da própria dinâmica de sociabilidade do Twitter (no Facebook, há menos comentários).

Um dos tweets que ganhou vida própria – provavelmente porque foi fixado no topo da página e, portanto, destacado por sua visibilidade – diz: “Minha amiga é professor de história. Ela está compilando uma lista de

grandes figuras históricas e precisa de um homem para adicionar à lista. Sugestões?”. Este jogo binário de gênero claramente atingiu um ponto delicado entre os seguidores e provou ser a ignição para uma atividade intensa, pois o tweet ganhou cerca de 3.000 comentários, 11.000 retweets e 35.000 curtidas. Um dos principais comentários diz: “Muitas pessoas não sabem, mas Mark Twain, na verdade, era um homem”, que obteve a resposta “Mas acho que isso foi desmentido. Como essa escrita maravilhosa pode ter sido feita por um homem?”, e assim por diante. Muitos tentaram pensar naquele belo marido de uma notável figura histórica feminina, sem muito sucesso. Outros tentaram reimaginar o laboratório de ciências da famosa química britânica Rosalind Franklin, onde poderia haver um ou dois homens que talvez fizessem algo útil com o DNA, mas eles simplesmente não conseguiam lembrar os nomes desses homens.

Com 239.000 seguidores no Twitter e mais de 487.000 seguidores em sua página no Facebook, a popularidade de “*Man Who Has It All*” aponta para a amplitude e profundidade de sua reverberação feminista. Não importa o quão diferentemente as pessoas possam estar em relação às normas heterossexistas e à marca da normalidade da classe-média britânica e branca que o “pai trabalhador” fictício representa, elas podem facilmente reconhecer a dinâmica que seu espelho torto reflete. A clareza de sua mudança de gênero está bem sintonizada com a economia de atenção afetiva das mídias sociais. Estabelece-se em reações rápidas, curtidas e compartilhamentos. Além disso, a extensão de vários tópicos e comentários também mostra que a atração e o envolvimento podem exceder o instantâneo e o fugaz.

“Nós não temos bolsos de verdade nas calças porque nós temos bolsas minúsculas em nossas vaginas!!!”

A justificativa do perfil “*Men Write Women*” no Twitter (com 63.000 seguidores, em 2019) é compartilhar trechos literários de autores do sexo masculino que descrevem as mentes, os corpos, os pensamentos e as ações das mulheres – bem como as percepções e sentimentos que os homens têm sobre as mulheres. Esta, por sua vez, compreende uma rede mais solta e efêmera de participantes que se reúnem em torno de obras literárias onde homens escrevem como mulheres. Tal como acontece com “*Man Who Has It All*”, o relato regularmente se amplia para

diversão em rede nas seções de comentários como investigações coletivas nos universos alternativos e totalmente absurdos delineados pelas obras citadas. Considere, por exemplo, este tweet fixado, que apresentava uma captura de tela do romance *Desperate Measures* (2018), de Stuart Woods, com o seguinte trecho: “Dino colocou seus pés para cima e conversou por alguns minutos, depois desligou o telefone e voltou para a mesa. – ‘Ok’, disse ele, ‘o legista confirma sua primeira estimativa da hora da morte. A menina tinha uma pequena bolsa enfiada na vagina, grande o suficiente para conter sua carteira de motorista, um cartão de crédito e alguns dólares. O nome dela é Elizabeth Sweeney...’”. O tweet que acompanha a captura de tela, afirma: “Não temos bolsos de verdade nas calças porque temos bolsos minúsculas em nossas vaginas!!! #obrigado por esse #menwritingwomen”. O tweet rapidamente atraiu mais de 7.000 retweets, 16.800 curtidas e 1.400 comentários, como:

“Quer dizer, eu já mantive um batom dentro do meu pênis, qual é o problema?”

“Ela também tinha um guarda-chuva escondido na uretra. Espero que não seja um desses que abrem automaticamente”

“Ela diz isso com os lábios franzidos!”

“Não sei vocês, mas eu sempre carrego um spray de pimenta na bolsa da minha vagina”

“Hahah. Ah, claro, a bolsa Christian Labiaton”

“A minha apenas se contraiu em uma delicada dor enquanto li isso. Que porcaria é essa?”

“Cuidado. Não quero quebrar seu Amex...”

“Eu acho que ele acha que a vagina tem o formato de uma ranhura, como um leitor de cartão de crédito”

“Eu realmente preciso de uma atualização para que meu clitóris consiga utilizar o Apple Pay”.

O absurdo opera de inúmeras maneiras dentro e através do tweet original e dos comentários direcionados a ele, e o ponto de entrada é a referência que o trecho literário faz – de passagem – a uma pequena bolsa na vagina da vítima; a hilária casualidade de uma observação sendo apreciada pelos participantes. Embora partam de um impulso negativo para apontar uma forma ridícula e sem sentido de imaginar a fisiologia feminina, os comentários disparam para outro lugar através do humor absurdo que combina o ilógico com o impróprio, *ad absurdum*. O ritmo cômico da imaginação coletiva dos participantes se alimenta do prazer de intensificar o disparate desse trecho literário e, ao fazê-lo,

usá-lo como plataforma para imaginar outro fato.

Os trechos literários compartilhados variam de representações de heterossexual como, por exemplo, situações que beiram o estupro, padrões de beleza irrealistas, emprestar um par de seios aparentemente desvinculados de uma pessoa real, lamentar pelos os seios de uma mulher morta em vez de lamentar pela morte da mulher em si. Apresentados fora do contexto com fotos de livros impressos e capturas de tela de e-books, os trechos expõem as falhas repetidas, compartilhadas e decepcionantes de autores do sexo masculino em imaginar as mulheres como pessoas, e não necessariamente o texto completo. Aqui, o absurdo opera de maneira direta como uma ferramenta crítica para apontar o ridículo disfarçado como habilidade literária, muitas vezes em obras literárias conceituadas com um gesto de ‘sério, agora’?

O tom da página *“Men Write Women”* é frequentemente raivoso, pois aqueles que contribuem com os trechos e comentam sobre eles expressam irritação, frustração e até ódio pelo que estão testemunhando. Ou, como um dos seguidores descreve a conta do Twitter em um comentário: “são horas de raiva e risos”. Uma vez que os exemplos dados geralmente incluem romances canonizados e premiados de autores homens que os leitores adoram, as reações dos usuários não são de forma alguma positivas: a raiva pode muito bem ser direcionada contra a conta e também contra os objetivos desta. Como a conta opera com um método relativamente direto de apontar o absurdo das coisas, a discussão pode terminar exatamente aí. No entanto, compartilhamentos e comentários regularmente expandem a visibilidade geral dos tweets, colocando em primeiro plano as falhas na imaginação dos autores do sexo masculino, e alguns tweets se desdobram em centenas de comentários e GIFs de reação totalmente sem sentido algum. Como em *“Congrats, you have an all male panel”*, *“Men Write Women”* reúne trechos em uma grande galeria, ao mesmo tempo que é estimulado pelas participações de usuários do Twitter. Ele brinca com o gênero binário não por meio de reversão ou anulação, mas por meio do testemunho em rede e, às vezes, da vergonha.

Este tipo de humor absurdo utilizado por parte do movimento feminista – do qual *“Men Write Women”* é um exemplo – transita entre o ilógico e o impróprio. Seu material pode ser bastante cruel, pois se adapta às visões heterossexistas de corpos, gêneros e sexualidades. Todavia, apesar desse material pesado, ou talvez por causa dele, o tom costuma ser consideravelmente leve. Will Noonan (2014) argumenta que o humor absurdo é frequentemente percebido como desmembrado em dois:

de um lado, o absurdo racional ou lógico e, do outro, o absurdo existencial. O absurdo racional está preocupado com anormalidades lógicas, como exemplificado no método *reductio ad absurdum* (em que o resultado lógico de uma posição filosófica é exposto como sendo ridículo ou impossível), enquanto o absurdo existencial comercializa o absurdo e a total falta de sentido da existência humana (muitas vezes ligada ao existencialismo francês e ao teatro do absurdo do pós-guerra). Em consonância com essas definições, Noonan (2014, p. 1) sustenta que o absurdo racional tende para o lúdico leve, enquanto o absurdo existencial acarreta tendências mais sombrias.

Embora essa distinção possa ser útil para distinguir entre, por exemplo, Lewis Carroll e Albert Camus, não é muito produtiva em relação à nossa visão do humor absurdo usado pelas feministas. As classificações de humor compreendem um território notoriamente arriscado repleto de divisões inúteis, mas encontramos em nossos exemplos uma justaposição, como em “*Men Writing Women*”, ou camadas – do alegre e sombrio existencial. Em outras palavras, as qualidades absurdas ou surreais da vida cotidiana para mulheres e outros não-homens ressoam com uma linha de humor aparentemente mais leve que combina o absurdo, o ridículo e o impróprio. Nesse sentido, “o humor absurdo pode, de fato, ajudar a trazer à tona o lado mais brilhante da falta de sentido que ele destaca” (Noonan 2014, p. 4). O humor absurdo feminista envolve leveza tangível, mas permanece baseado em algo decididamente mais pesado – um paradoxo que molda táticas e métodos de luta contra uma realidade ridícula (Cf. Massanari, 2019).

Absurdo!

Nas iniciativas feministas de mídias sociais examinadas acima – e bem além delas – o gênero binário reaparece uma e outra vez como uma compreensão hegemônica, ou como um quadro de inteligibilidade para pensar sobre semelhança e diferença, já que os homens são chamados de *manelist*, assim como os estereótipos sexistas são espelhados no sentido inverso e os homens que escrevem sobre as mulheres são ridicularizados. O gênero binário é uma estrutura onipresente, poderosa e amplamente aceita para organizar vidas individuais, sociais e coletivas, além das marcas nacionais ou linguísticas. Como tal, não é para gerar risos. Ficar preso no gênero binário vem com um sentimento claustrofóbico que, como argumentamos, pode ser momentaneamente restaurado na dinâmica afetiva de surpresa e sobressalto que este acarreta ao refletirmos sobre essas instâncias do absurdo.

De acordo com as definições do dicionário de sinônimos, o absurdo pode ser traduzido como “ridiculamente irracional”, “incorreto” ou “incongruente”; algo extremamente bobo; sinônimo de tolice, inanidade, falta de sentido, incongruência. O absurdo, então, fica como o oposto da razão, como já encapsulado em sua raiz etimológica no latim, significa “desafinado, rude, impróprio, ridículo”. Em sua taxonomia do humor, Marta Dynel (2014, p. 628) vê o absurdo como uma violação “das regras e normas do mundo real”. Em função disso, o riso absurdo pode ir para qualquer lugar: há liberdade em seus solavancos erráticos. Com base na incongruência, o absurdo cai em uma das três teorias clássicas do humor ao lado do alívio e da superioridade (Cf. Meyer, 2000; Shifman; Blondheim, 2010). Também pode ser argumentado que o absurdo, ao reunir elementos incompatíveis, atravessa o humor de forma mais geral como “a percepção de uma relação apropriada entre categorias que normalmente seriam consideradas incongruentes” (Oring, 2003, p. 1), onde tal incompatibilidade nunca se torna totalmente resolvida. Por meio dessa tensão, o humor absurdo permite a liberação afetiva do riso, sem acabar com as tensões que o criam e o alimentam.

O significado do absurdo pelo viés crítico feminista e de fato, o humor, tem a ver tanto com o limite crítico conectado ao questionamento e julgamento, quanto com as projeções afetivas e espaços de ambiguidade que ele permite. Raiva e frustração são fortes impulsores afetivos para a resistência, o ativismo e a organização social, como, por exemplo, no caso de #BlackLivesMatter e #MeToo. Nos termos de John Protevi (2009), a raiva ajuda a unir o somático (como o pessoalmente sentido e vivenciado) e o mais geral ou estrutural, permitindo a mobilização política e a transformação passando do indivíduo para o nível de grupo e, finalmente, para o nível de mudança social – esta questão política sendo a mais lenta para mudar (Cf. Papacharissi 2016, p. 321).

Ao mesmo tempo, a raiva corrói, desgasta e exaure os corpos de maneiras que estabelecem limites temporais para alinhamentos fundamentados na indignação. O riso, por sua vez, é um meio de juntar corpos e separá-los, dependendo de quem ou o que é o alvo da piada, quem acha as coisas engraçadas e quem é que conta a piada. Rir de algo, sozinho ou com alguém, cria linhas de conexão e desconexão, bem como construções afetivas onde o peso da raiva e da indignação temporariamente dão lugar a outro sentimento. Existe um poder irresistível de se sentir alinhado por meio da homofilia afetiva, ou o amor de sentir o mesmo, ao aproximar as pessoas por

meio de expressões de sentimentos semelhantes – seja raiva, diversão ou ambos. No entanto, consideramos essencial argumentar a favor da importância da “heterofilia afetiva” – o amor de sentir o diferente ou de se sentir diferente – algo que abre um espaço fundamental, não apenas para uma multidão de vozes e corpos, mas para a ambiguidade afetiva e uma série de maneiras de se conectar politicamente por meio de como as situações parecem ser (Cf. Sundén; Paasonen, 2019). Em sua imprevisibilidade, vibração e volatilidade, o humor absurdo é uma forma de contrastar o amor que sentimos quando nos alinhamos a outras pessoas pela mesmice, permitindo, em vez disso, a dissidência e a diferença.

Em congruência com Sarah Kember (2015), reivindicamos por uma teoria política feminista antagonista do humor – algo baseado no riso rebelde, se contrapondo aos teatros sexistas do absurdo. O riso abordado dessa maneira não é meramente reativo, nem apenas afirma o que foi anteriormente criticado ou negado. Em vez disso, trata-se de permitir que os corpos experimentem a força da ambivalência. Como Kember (2015, p. 117) coloca, “o riso é, mais especificamente, o antagonismo em ação, uma tensão não mantida, expressa no espaço-tempo do riso”.

Quando o absurdo – regularmente mesclado com ironia e paródia – entra em cena, abre-se um espaço para a ambiguidade afetiva. Abordando a ambiguidade e o absurdo, Simone de Beauvoir (1976, p. 129) defende a importância de separar os dois: “A noção de ambiguidade não deve ser confundida com a de absurdo. Declarar que a existência é absurda é negar que ela possa ter algum significado; dizer que é ambíguo é afirmar que seu significado nunca é fixo, que deve ser conquistado constantemente”. Para Beauvoir, a ambiguidade tem a ver com a multiplicidade de sentidos – e, portanto, com a própria essência da vida – enquanto o absurdo nega o significado de uma forma muito mais abrupta. Nosso argumento, novamente, é para entender o absurdo como uma tática feminista alimentada pela ambiguidade. Para examinar e questionar criticamente a cultura e a sociedade, é necessário reconhecer as diferenças irreconciliáveis e trabalhar as tensões que simplesmente se recusam a ser resolvidas.

Como uma tática feminista de resistência, o humor absurdo aponta a falta de nexos dos arranjos e das rotinas existentes ligadas ao gênero e à sexualidade como sendo *ridiculamente irracionais*. Ao fazer isso, o absurdo é um meio não apenas de virar as coisas do avesso, mas de interromper e evitar a lógica oferecida. Ao recusar o atual estado da situação (e ao declará-la um absurdo), essa tática

coloca em primeiro plano a ambiguidade afetiva e adota as possibilidades de sentir e dar sentido ao mundo de maneiras diferentes. Portanto, é um bom lugar para começar.

Referências

- AHMED, Sara. 2010. *The Promise of Happiness*. Durham, NC: Duke University Press.
- BANET-WEISER, Sarah. 2018. *Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny*. Durham: Duke University Press.
- BOYLE, Bridget. 2015. Take Me Seriously. Now Laugh at Me! How Gender Influences the Creation of Contemporary Physical Comedy. *Comedy Studies* 6 (1): 78–90.
- BOYLE, Karen. 2019. *#MeToo, Weinstein and Feminism*. London: Palgrave.
- CHAMBERLAIN, Prudence. 2017. *The Feminist Fourth Wave: Affective Temporality*. New York: Springer.
- CHO, Alexander. 2015. Queer Reverb: Tumblr, Affect, Time. In *Networked Affect*, ed. Ken Hillis, Susanna Paasonen, and Michael Petit, 43–57. Cambridge, MA: MIT Press.
- DE BEAUVOIR, Simone. 1976. *The Ethics of Ambiguity*. Citadel Press, New York.
- DYNEL, Martha. 2014. Isn't It Ironic? Defining the Scope of Humorous Irony. *Humor* Vol 27 No. 4, pp. 619-639.
- GILL, Rosalind; ORGAD, Shani. 2018. The Shifting Terrain of Sex and Power: From the “Sexualization of Culture” to #MeToo. *Sexualities*. 21 (8): 1313–132.
- GUHA, Pallavi; GAJJALA, Radhika; STABILE, Carole. 2019. Introduction: Sexual Violence, Social Movements, and Social Media. *Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology* 15. <https://adanewmedia.org/2019/02/issue15-gajjala-guha-stabile/>.
- IRIGARAY, Luce. 1993/1977. *This Sex Which Is Not One*. Translated by Catherine Porter. Ithaca: Cornell University Press.
- JANE, Emma. 2016. *Misogyny Online: A Short (and Brutish) History*, Sage, London.
- KANAI, Akane. 2016. Sociality and Classification: Reading Gender, Race, and Class in a Humorous Meme. *Social Media+Society*, Vol. 2 No. 4. <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2056305116672884>.
- KEMBER, Sarah. 2015. Uncloaking Humour: Ironic-Parodic Sexism and Smart Media. *New Formations*, Vol. 86, pp. 113-117.
- KOIVUNEN, Anu; KYRÖLA, Katariina; RYBERG, I. 2018. Vulnerability as a Political Language. In *The Power of Vulnerability: Mobilising Affect in Feminist, Queer and Anti-Racist Media Cultures*, ed. Anu Koivunen,

- Katriina Kyrölä, and Ingrid Ryberg, 1–26. Manchester: Manchester University Press
- MARWICK, Alice. 2014. Gender, Sexuality, and Social Media. I in Hunsinger, J. and Senft, T. M. (Eds), *The Social Media Handbook*, Routledge, New York, pp. 59-75.
- MARWICK, Alice; CAPLAN, Robyn. 2018. Drinking Male Tears: Language, the Manosphere, and Networked Harassment. *Feminist Media Studies*, Vol. 18 No. 4, pp. 543-559.
- MASSANARI, Adrienne. 2015. *Participatory Culture, Community, and Play: Learning from Reddit*, Peter Lang, New York.
- MASSANARI, Adrienne. 2019. “Come for the Period Comics. Stay for the Cultural Awareness”: Reclaiming the Troll Identity through Feminist Humor on Reddit’s /r/TrollXChromosomes. *Feminist Media Studies*, Vol. 19 No. 1, pp. 19-37.
- MENDES, Kaitlynn; RINGROSE, Jessica; KELLER, Jessalynn. 2019. *Digital Feminist Activism: Girls and Women Fight Back Against Rape Culture*. Oxford: Oxford University Press.
- MEYER, John C. 2000. Humor as a Double-Edged Sword: Four Functions of Humor in Communication. *Communication Theory*, Vol. 10 No. 3, pp. 310-331.
- NOONAN, Will. 2014. Absurdist Humor. In Attardo, S (Ed), *The Encyclopedia of Humor Studies*, Sage, Thousand Oaks, CA, pp. 1-4.
- ORING, Eliot. 2008. *Engaging Humor*, University of Illinois Press, Chicago, IL.
- PAPACHARISSI, Zizi 2016. Affective Publics and Structures of Storytelling: Sentiment, Events and Mediality. *Information, Communication & Society* 19 (3): 307–324.
- PENNY, Laurie. 2013. *Cybersexism: Sex, Gender and Power on the Internet*, A&C Black, London.
- PHILLIPS, Whitney. 2015. *This Is Why We Can’t Have Nice Things: Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture*, MIT Press, Cambridge, MA.
- PROTEVI, John. 2009. *Political Affect: Connecting the Social and the Somatic*. Minneapolis: Minnesota University Press.
- RENTSCHLER, Carrine A; THRIFT, Samantha. 2015. Doing Feminism in the Network: Networked Laughter and the “Binders Full of Women” Meme. *Feminist Theory* 16 (3): 329–359.
- SÄRMÄ, Saara. 2016. Congrats, You Have an All-Male Panel! *International Feminist Journal of Politics* 18 (3): 470–476.
- SHIFMAN, Limor; BLONDHEIM, Menahem. 2010. The Medium is the Joke: Online Humor about and by Networked Computers. *New Media & Society*, Vol. 12 No. 8, pp. 1348-1367.
- SUNDÉN, Jenny; PAASONEN, Susanna. 2019. Inappropriate laughter: Affective homophily and the unlikely comedy of #MeToo. *Social Media + Society*. <https://doi.org/10.1177/2056305119883425>.
- SUNDÉN, Jenny; PAASONEN, Susanna. 2020. *Who’s Laughing Now? Feminist Tactics in Social Media*. Cambridge, MA: MIT Press.